

22/0002447

Doc.24

DCC/154

O ESTUDO SOCIOLOGICO DAS RELAÇÕES ENTRE NEGROS E BRANCOS

NO BRASIL MERIDIONAL

Fernando Henrique Cardoso

Renato Jardim Moreira

Octavio Ianni

NO BRASIL MERIDIONAL

Os estudos antropológicos e sociológicos sobre as relações raciais entre negros e brancos no Brasil tiveram recentemente acentuado incremento, graças à série de pesquisas patrocinadas pela Unesco. Orientaram-se elas no sentido de analisar, em conexão com o processo de integração das populações negras às classes sociais, a vigência e as transformações das formas e das funções do preconceito de cor.

Esses estudos permitem um conhecimento da situação de contacto em diversas áreas demográficas e culturais do país. Sobre elas o especialista já pode dispor, quando não de esquemas explicativos elaborados, ao menos de informações seguras e precisas, relevantes para a compreensão do fenómeno. Entretanto, estes estudos não abrangem todo o país, restando, entre outras, uma vasta área territorial e demográfica - Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul - que não tem despertado a atenção dos estudiosos, dada a fraca densidade da população negra. Este, contudo, foi um dos motivos por que essa área nos chamou a atenção.

Foi, portanto, com a intenção de ampliar o quadro de conhecimentos sobre a situação de contacto inter-racial no Brasil, e seguindo a orientação imprimida pelos professores Roger Bastide e Florestan Fernandes à cadeira em que trabalhamos, que fomos levados a realizar um "survey" que abrangesse o sul do país.

Quando nos propusemos a seleção das áreas que tomaríamos como objeto de estudos, tivemos que fazer considerações de duas ordens: as possibilidades apresentadas por esta ou aquela comunidade para a ampliação do conhecimento científico, e a viabilidade prática da pesquisa na comunidade.

Procuramos isolar áreas que oferecessem condições empíricas capazes de tornar cientificamente relevante a análise dos processos sociais que pretendíamos estudar, em termos da perspectiva

científica de observação que escolhemos. Embora seja difícil avaliar de antemão, baseados apenas em informações parciais, as perspectivas reais que um fenômeno social, numa determinada área, abre para sua compreensão em geral, esforçamo-nos por escolher áreas que satisfizessem esta condição, prevendo, desde o início, a hipótese de substituí-las caso na sondagem que fizéssemos no campo verificássemos que nossas previsões não se confirmavam, ou que haveria outra área mais significativa.

Porém, havia que pensar também nos problemas que, por serem eminentemente práticos, nem por isso deixariam de interferir nos resultados científicos. Pois, a pesquisa exige de quem a projeta um senso estratégico de administradores para que o pesquisador enfrente com sucesso as vicissitudes não científicas suscitadas pelo deslocamento e a permanência no campo.

Nesse sentido, tivemos que nos submeter ao fato de que as pesquisas que projetamos são quase sempre uma solução de compromisso entre as necessidades científicas e as nossas possibilidades práticas. Isto não quer dizer que possamos iniciar os trabalhos de pesquisa onde, quando e como for mais cômodo ou mais fácil: o pesquisador precisa ajustar-se a uma situação de fato quanto a certos limites na escolha do campo e do alcance científico do estudo, mas deve também reagir criticamente à situação, visando assegurar uma investigação cientificamente legítima.

Foi pesando fatores das duas ordens acima apontados (científicos e não científicos) que nossa escolha recaiu, finalmente, sobre Porto Alegre, para ponto de partida do trabalho.

Inicialmente cogitamos de realizar, ao mesmo tempo, três "surveys", um em cada capital dos estados sulinos, pensando nas facilidades que estas cidades, por serem centros político-administrativos e culturais, podiam oferecer para um trabalho desta natureza. Haveria a possibilidade de: 1) dispormos de maior número de informações históricas e estatísticas sobre seu desenvolvimento socio-econômico; 2) nelas poderia ter-se concentrado - à

semelhança do que ocorrera em São Paulo - a camada da população negra que, principalmente através do funcionalismo público, conseguiu ascender socialmente, tomando consciência da posição de inferioridade diante dos brancos; 3) e, em consequência, um grupo de negros poderia estar reagindo criticamente a essa situação, o que significa que poderíamos entrar em contacto com bons informantes para o esclarecimento do problema em questão; 4) mais fácil estabelecimento de contacto com maior número de intelectuais, também bons informantes.

Porém, os compromissos decorrentes de nossas funções docentes na Faculdade de Filosofia, não nos permitindo uma permanência longa no campo, obrigaram-nos a um ajustamento diferente do projetado. Por isso precisamos restringir nossa primeira incursão ao campo a uma única área, explorando-a conjuntamente.

A escolha recaiu sobre Porto Alegre, e para isto os fatores científicos pesaram mais do que os não científicos, pois esta cidade apresenta melhores condições que as outras para a observação dos fenômenos que nos interessam. Porto Alegre é uma comunidade em franco processo de urbanização e industrialização. É centro de uma região na qual a ~~intensa~~ imigração italiana e alemã foi intensa e em cuja economia o negro não desempenhou um papel tão importante como em outras regiões do país que dependiam do braço escravo para a lavoura da grande propriedade rural. Ao mesmo tempo esse centro possui uma população negra mais densa que em Curitiba e Florianópolis. Acresce que Porto Alegre tem a vantagem de apresentar certos pontos de contacto e certas similaridades, no que se refere à urbanização e à industrialização, com uma fase anterior do desenvolvimento da cidade de São Paulo. Poder-se-ia dizer que Porto Alegre mal inicia seu processo de transformação de cidade para metrópole, enquanto que São Paulo já está em fase adiantada nesse processo. Portanto, em termos de uma análise comparativa, Porto Alegre oferece, com relação a São Paulo, condições extremamente favoráveis no

que diz respeito à integração das camadas negras ao sistema de classes sociais e ao papel que o preconceito racial desempenha nesse processo. Para o cientista social, que não dispõe de técnicas artificiais para a produção ou alteração de um processo social e, em situação experimental, testar variáveis e fatores constantes quanto a sua importância causal ou funcional, uma observação desse tipo permite, desde que se trata de duas comunidades que tendem para o mesmo padrão estrutural e organizatório, uma análise fecunda do fenômeno que se deseja estudar.

Assim, realizamos no período de 5 de Fevereiro a 4 de março de 1955 a primeira etapa da pesquisa, em Porto Alegre. Foi, a rigor, uma sondagem. Parece-nos vantajoso prever a realização de sondagens nos projetos de pesquisa, pois elas permitem: a) averiguar o material empírico disponível, susceptível de tratamento científico; b) redifinir as hipóteses iniciais construídas anteriormente nos "projetos de estudo", cuja pertinência face ao plano empírico é testada; c) e estabelecer uma rede segura de informantes.

Neste primeiro mês de pesquisa foi o que procuramos realizar. A perspectiva que havíamos escolhido levou a que nos concentrassemos no exame das possibilidades empíricas da análise da formação do sistema de classes sociais e da integração do negro nelas, para, em conexão com esses processos, estudar as relações entre brancos e negros. O problema que definiramos consistia, pois, em compreender como o grupo negro se integrou no sistema de classes sociais, em cujo sentido se modificou a estrutura social da comunidade depois da transformação da ordem social escravocrata (sistema de castas) e como os valores, as representações recíprocas e as autoconcepções do grupo branco e do grupo negro, vinculados ao antigo sistema, persistiram ou se transformaram, nas novas condições de existência, interferindo na vida social como elementos ativos na atribuição de status e no desempenho de papéis sociais.

A sondagem que fizemos mostrou-nos a existência de material empírico consistente. A bibliografia sobre Porto Alegre, a província de São Pedro e o Estado do Rio Grande do Sul, juntamente com os dados existentes nos arquivos da cidade ou informações de jornais e almanaques, são suficientes para a reconstrução histórica necessária à análise das transformações econômicas da comunidade e do papel do negro nas diversas fases dessas transformações. Mesmo com relação à ascensão social do negro e sua luta contra o preconceito de cor, conseguimos encontrar elementos e fontes escritas. Desde 1892 havia um jornal, "O Exemplo", mantido e publicado por negros. Embora não tenhamos conseguido obter ainda uma coleção completa do mesmo, dispomos dos números referentes aos três primeiros anos e dos publicados no período de 1921-30, inclusive, com raras lacunas. Além disso, a antropologia e a sociologia têm desenvolvido técnicas de aproveitamento das informações que os membros do grupo pesquisado podem prestar para a confirmação do conhecimento do passado obtido através de fontes escritas e mesmo para o conhecimento de processos sociais vividos, pelo informante e de dados que o informante possa oferecer que não tenham sido registrados pela história ou que só a experiência pessoal permite esclarecer ou melhor compreender. A

Assim, a constituição de uma boa rede de informantes foi nosso cuidado imediato. Aliás, não é fácil conseguir-se número suficiente deles, abrangendo os vários setores da atividade social que interessem ao pesquisador. Somente no fim de nossa sondagem pudemos contar com um número razoável de informantes dos dois grupos raciais, capazes de prestar informações sobre o presente e o passado. Cremos, todavia, ter obtido o suficiente para garantir o êxito futuro da pesquisa. Foi preciso conversar e conviver com inúmeras pessoas para selecionar uns poucos informantes seguros, embora todos os contatos e todos os dados obtidos nas entrevistas possam vir a ser aproveitados.

Como técnicas de obtenção de material servimo-nos nesta sondagem, principalmente da entrevista, em suas várias modalidades, e da observação direta, além das técnicas usuais para a reconstrução histórica. Aplicamos entrevistas formais e ocasionais e também realizamos algumas mesas redondas. Para todos os tipos de entrevistas projetamos roteiros, que foram sendo formulados à medida que se apresentavam situações novas.

É claro que os dados foram coligidos, tanto os do passado como os atuais, segundo determinados critérios de seleção. De um lado havia uma perspectiva definida para abordar a realidade, de outro, em conexão com esta perspectiva, hipóteses iniciais de trabalho que nos guiaram na coleta de material. Estas hipóteses é que foram redifinidas na sondagem.

Nenhum de nós sequer conhecia Porto Alegre. Porém, como já havia um projeto de estudos que levantava hipóteses, algumas delas já confirmadas para a situação de contacto inter-racial em São Paulo, julgamos legítimo transferi-las para a nova situação, como uma primeira aproximação da realidade(1).

Partindo delas construímos um grupo de hipóteses subordinadas que deveriam levar em conta pelo menos três fatores que diferenciam a situação de contacto em Porto Alegre da de São Paulo:

- 1) o grau diverso de desenvolvimento econômico e social da cidade, implícito na afirmação que fizemos anteriormente dizendo que, enquanto São Paulo já é quase uma metrópole, Porto Alegre mal inicia sua transformação de cidade para metrópole. Realmente, o processo de industrialização e urbanização de Porto

(1) Cf. Roger Bastide e Florestan Fernandes, "O Preconceito Racial em São Paulo" (Projeto de Estudo); publicação nº 118 do Instituto de Administração da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da U.S.P., São Paulo, 1951. E também, dos mesmos autores, "Relações Raciais Entre Negros e Brancos em São Paulo", in Anhembi, nºs. 30 a 34, São Paulo, 1953.

- Alegre e, conexamente, o de desenvolvimento de um proletariado urbano e numeroso, desenvolve-se ainda numa etapa já percorrida por São Paulo;
- 2) o negro, por sua vez, no Rio Grande do Sul, não contou como força organizada de trabalho em grande escala, e não ser na zona da charqueada. Embora tenha havido alguma ~~X~~afluência para Porto Alegre do escravo liberto, este diferia do elemento negro que depois da Abolição deslocou-se para São Paulo. Naquela cidade encontramos o negro doméstico, e não o negro do eito, que constitui o grosso da população negra de São Paulo depois da Abolição;
- 3) e, finalmente, diferiu a própria posição do negro no sistema econômico. Era freqüente encontrar-se em Porto Alegre o escravo com habilitação profissional, que apesar da concorrência que sofreu por parte do imigrante, pôde integrar-se parcialmente no sistema de classes sociais em formação, como artesão. As grandes massas da população negra que constituíram um grupo residual numa fase determinada do desenvolvimento do sistema de classes sociais de São Paulo, não existiam em Porto Alegre, que só recentemente, com o êxodo rural urbano, começa a conhecê-las.

Além da integração parcial (desde o século 19) do negro porto alegreense ao sistema artesanal da cidade, havia em Porto Alegre outros meios de exercer a atividade econômica - o funcionalismo público e a agregação doméstica - que também vigoravam em S. Paulo com relação aos negros que ocupavam posições na periferia da família patriarcal. Em conjunto, isto possibilitou ao negro porto alegreense uma vida social mais organizada, de que são indícios seguros a existência de famílias negras de três ou mais gerações,

de clubes e grupos recreativos culturais e assistenciais desde fins do século passado (um deles com cerca de oitenta anos de existência) e mesmo de um jornal da comunidade negra, ao qual já nos referimos.

Estas razões nos levaram a construir hipóteses subordinadas que, tomando em consideração todos êsses fatores, nos permitissem, na fase de coleta, uma compreensão mais exata do fenômeno que estamos investigando e nos orientassem no sentido de levantarmos um material empírico rico(2).

Não cabe nos limites desta comunicação expor e discutir, porque seria extemporâneo, as hipóteses elaboradas e os resultados obtidos. Quisemos apenas apontar algumas dificuldades encontradas numa pesquisa de campo e fazer algumas observações muito gerais quanto ao objeto da pesquisa e a perspectiva de análise escolhida.

III

Resta agora apresentar os nossos propósitos futuros de pesquisa. Depois de verificarmos o rendimento do trabalho em equipe nesta sondagem em Porto Alegre, além da consistência e significação do material empírico disponível, voltamos a considerar viável a extensão da pesquisa a toda região meridional do país. Pretendemos, com o material colhido em conjunto, elaborar, individualmente, monografias que serão apresentadas como dissertações de doutoramento. Posteriormente faremos, em co-autoria, uma análise comparativa, aproveitando os resultados das monografias acima referidas.

2) O que não quer dizer, evidentemente, que limitemos o papel criador da pesquisa à redefinição de hipóteses e procure apenas colher material para prova-las. O que discutimos aqui são hipóteses iniciais de trabalho e não propriamente hipóteses explicativas. No decorrer do trabalho, conforme o material coligido, as hipóteses iniciais poderão mostrar-se infrutíferas ou erradas e serão abandonadas.

Para a consecução dêsse objetivo precisamos seleccionar as comunidades de forma que seja possível a realização da análise comparativa. Interessa-nos, conforme já expusemos, o processo de integração do grupo negro ao sistema de classes sociais e o papel que o preconceito de côr exerce nêsse processo. Portanto, como condição para a escolha das comunidades a serem estudadas, devemos considerar os estâgios de desenvolvimento do sistema de classes e a integração do negro nêle.

Em Porto Alegre verificamos, dadas as informações que obtivemos, a necessidade de realizar uma das investigações em Pelotas. Esta cidade apresenta um dos maiores coeficientes de população negra do sul do país e nela o braço escravo desempenhou um papel relevante na economia e até hoje é considerável a participação desta população na sua vida socio-econômica. Além disto, nessa região verificou-se o aproveitamento do escravo em condições fabrís de trabalho, nas charqueadas. Por tudo isto se torna significativa a análise da situação de contacto racial nessa comunidade.

Pretendemos seleccionar ainda mais uma ou duas comunidades (e o número delas se relaciona com as nossas possibilidades materiais de trabalho), mas somente depois de uma sondagem decidiremos quais serão. Como Curitiba é a segunda cidade em importância econômica do sul do país (depois de Porto Alegre), iniciaremos por ela, em Julho próximo, a sondagem. Curitiba, além de apresentar como capital as vantagens já apontadas, é uma comunidade onde o reduzido coeficiente de negros na população exprime uma situação polar com relação a Pelotas. Se dêste fato decorrem diferenças no processo de integração do negro às classes sociais e na vigência e função do preconceito de côr, face às outras comunidades conhecidas, seleccionaremos também esta comunidade.

Por fim, isolaremos uma comunidade onde, a par da existência de um número significativo de negros, o processo de industrialização e urbanização esteja em fase inicial. Para isto faremos, a seguir, uma sondagem em Santa Catarina, onde, segundo os dados demográficos e econômicos que temos em mãos, julgamos ser possível

localizar uma comunidade nessas condições.

Assim, depois da escolha definitiva das comunidades, o que depende dessas sondagens, realizaremos nossos projetos. Teremos, pois, à base desse quadro de referência, os elementos necessários para a análise comparativa que nos propusemos. E ficará, deste modo, conhecida a situação de contacto entre negros e brancos no sul do Brasil - um elemento importante para o conhecimento da sociedade dos estados sulinos.